



**GT – “19”: “Rede urbana e urbanização regional: agentes, processos, interações
escalares e complexificação das formas”**

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA FRONTEIRA DA AMAZÔNIA

Autor(01): Ednalva Lima Carmo

Filiação institucional: UNIFESSPA¹

E-mail:ednalva.lcarmo@gmail.com

RESUMO: Canaã dos Carajás é um caso sui generis da produção do espaço urbano na fronteira da Amazônia, que cada vez mais se destaca como uma cidade da mineração. Neste trabalho vamos destacar o crescimento da mancha urbana e a dispersão de vilas e assentamentos rurais, as transformações do espaço urbano mais vinculadas às estratégias da Vale e os desdobramentos do fenômeno da mineração na cidade com a modernização da infraestrutura urbana e a difusão dos empreendimentos imobiliários no período de 2000 à 2020.

Palavras-chave: produção do espaço, crescimento urbano, Fronteira Amazônica.

1. INTRODUÇÃO

A produção do espaço vai para além da base material, pois neste espaço material construído, são impressos os valores, as culturas, as ideologias, os modos de viver de uma determinada sociedade.

O espaço é produzido de forma complexa e contraditória, fruto da relação de agentes sociais concretos através de suas ações e decisões, é fragmentado e articulado, produto e condicionante social, um campo de símbolos e de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais (CORRÊA, 2005, p. 01).

Assim também são os espaços produzidos na grande fronteira amazônica. É válido destacar que o conceito de fronteira aqui empregado não se resume à fronteira geográfica (político-

¹ Orientador: Prof. Dr. Eudes Leopoldo- UNIFESSPA

administrativa), nem tão pouco à definição de José de Sousa Martins (2019) que o emprega num sentido sociológico e antropológico, como um cenário altamente conflitivo do próprio sentido de humanidade, que são forçados a partir do homem e do humano idílico de tradições filosóficas e das aspirações dos humanistas, mas permeia a partir de uma abordagem geográfica trazendo como norte Bertha Becker. A sua discussão de fronteira não foge muito deste debate, pois para a autora as fronteiras são constituídas de contradições e de conflitos, espaços urbanos e rurais, produtos das lutas de classe entre capitalistas e trabalhadores, exploradores e explorados. Entretanto, a autora avança e discute a constituição dos espaços pós-fronteira, onde os conflitos não estão mais latentes ou pelo menos não exatamente como descritos por Martins. Desta forma, desenham-se os contornos dessa fronteira sob o comando dos grupos chamados “civilizados”, que se situam “do lado de cá”, reproduzindo um cenário de intolerância, ambição e morte (MARTINS, 2019). Isto porque, segundo Becker (2005, p. 72),

Com as resistências regionais, os conflitos na região alcançam um patamar mais elevado. Não se trata mais apenas de conflito pela terra; é o conflito de uma região em relação às demandas externas. Esses conflitos de interesse, assim como as ações deles decorrentes, contribuem para manter imagens obsoletas sobre a região, dificultando a elaboração de políticas públicas adequadas ao seu desenvolvimento.

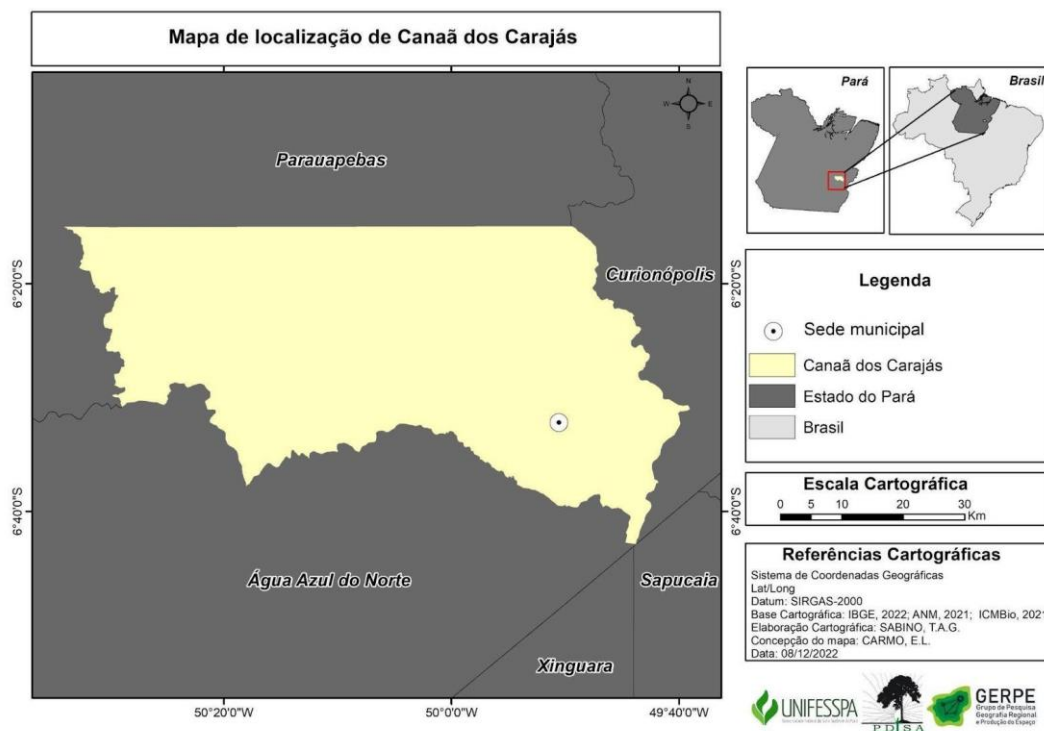
A fronteira descrita por Martins, poderia ser descrita como nos primeiros momentos das primeiras ocupações, pois apresenta um outro cenário de conflitos, outras formas de expressão destes. Neste sentido, não dizemos que esta concepção se aplica a Canaã dos Carajás, mesmo quando ainda eram os CEDERES, pois desde aquele período já tinham identidades e sentimento de pertencimento ao lugar. Segundo Becker, novos conflitos surgem, novas frentes se abrem e a fronteira continua sua dinâmica de produção.

Nesse sentido, as cidades na fronteira têm em seu processo de produção a forte presença da questão agrária. A urbanização da fronteira está, desse modo, em grande parte relacionada às trincheiras agrárias e em função da expansão da produção agropecuária e da mineração (LEOPOLDO, 2020). A Amazônia constitui-se neste cenário conflitivo, emergindo como um dos “eldorados naturais” do mundo contemporâneo, região que está sob a soberania de Estados nacionais, dentre eles, o Brasil (BECKER, 2005).

A fronteira amazônica é uma manifestação de ajustes espaço-temporais que, mediante adiamento temporal e expansão espacial, criou condições para acesso e mercantilização de novos recursos, a absorção de excedentes de capital e força de trabalho e a penetração de relações mercantis em formações sociais pré-existentes. Como a sua incorporação à nova ordem espacial é efetivada pela apropriação diferenciada do espaço, ela é fragmentada e se pode atribuir à Canaã dos Carajás a condição de um espaço regionalizado da fronteira, isto é, a porção do sudoeste do estado do Pará (MONTEIRO e SILVA, 2021).

Em 2005, Canaã dos Carajás (Mapa 1), que é um município da região do Carajás, arrecadou R\$ 11,3 milhões de CFEM, passando para R\$ 40,3 milhões em 2017, elevando-o ao patamar de terceiro maior arrecadador do Pará e o sexto do Brasil naquele ano (ENRIQUEZ, 2018). No ano de 2020, o montante arrecadado foi de R\$1.198.591.114,00, pois além dos valores referentes ao cobre entraram também os valores do ferro. Observe na Figura 1, a localização

de Canaã dos Carajás-PA.

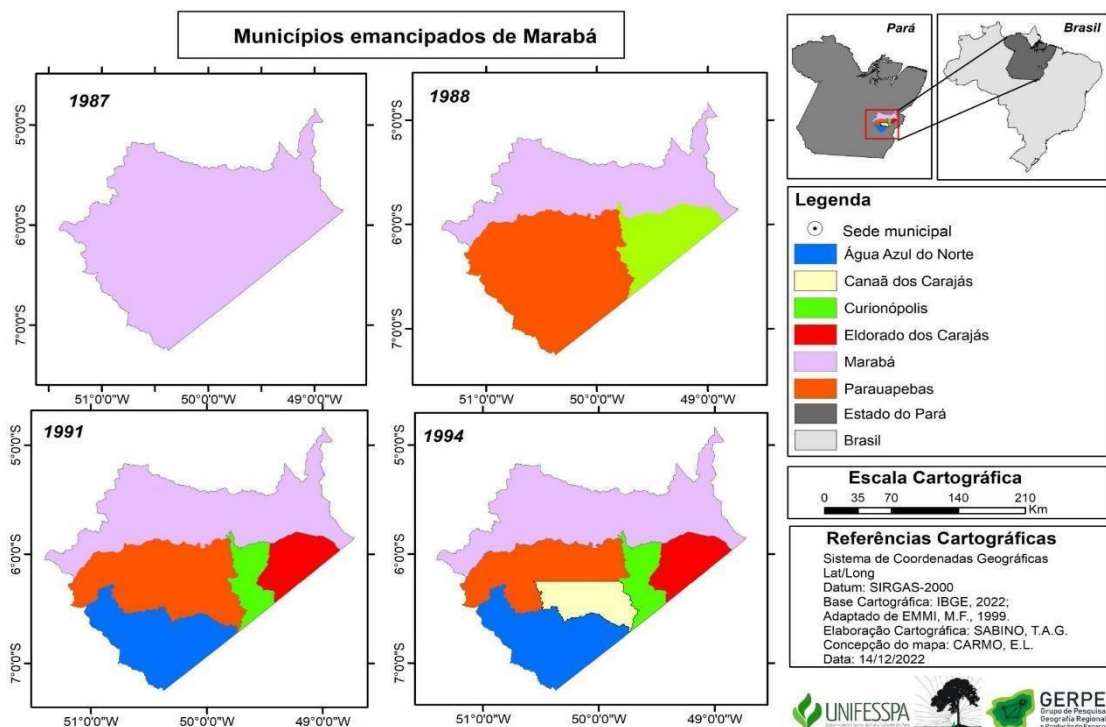


Fonte: IBGE, 2022; ANM, 2021; ICMBIO, 2021.

2. A EXPANSÃO DA MANCHA URBANA E A DINÂMICA DAS VILAS E DOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE CANAÃ DOS CARAJÁS

Marabá destaca-se hegemonicamente durante os vários ciclos econômicos que envolveram a região por décadas de ocupação e pela sua ligação histórica com os municípios vizinhos (Figura 2). Com o desmembramento de Marabá vários municípios no seu entorno são formados, dentre eles: Parauapebas e, posteriormente, Canaã dos Carajás. Em 1988, do município-mãe (Marabá) foram emancipados os municípios de Parauapebas (tendo como sede a cidade que englobou o antigo núcleo de Parauapebas e o núcleo Rio Verde) e Curionópolis (COELHO, 2006, p. 258).

Figura 2 - Municípios formados a partir de Marabá



Fonte: IBGE, 2022.

Em 1991 foi criado o município de Eldorado de Carajás. A partir daí tem início uma divisão sucessiva de municípios. Ainda em 1991, de Parauapebas e Xinguara foi desmembrado Água Azul do Norte (COELHO, 2006, p. 258). Desta forma, o desligamento político de Canaã dos Carajás deu-se em dois momentos. Primeiro, quando Parauapebas desligou-se de Marabá em 10 de maio de 1988, através da Lei nº 5.443/88, Canaã dos Carajás ainda era o CEDERE II, agora pertencente politicamente ao recém-criado município. O segundo momento ocorre com sua emancipação de Parauapebas, que veio a ocorrer em 05 de outubro de 1994 por meio da Lei Estadual nº 5.860/94 (LIMA, 2003, p. 17).

Para a escolha do nome foi realizado um plebiscito entre os moradores. Tinham duas opções de escolha, a primeira era "Princesa de Carajás" e a segunda "Canaã dos Carajás". A segunda opção foi a escolhida. A palavra "Canaã" do nome vitorioso significa "Terra Prometida", de origem bíblica judaico-cristã. Como grande parte da população pertence às religiões protestantes evangélicas, esta opção apresentou maior apelo com a comunidade que em 03 de abril de 1994 foi institucionalizada (LIMA, 2003, p. 17).

Canaã dos Carajás trata-se de uma cidade na fronteira da Amazônia, que foi criada por uma série de ações políticas e econômicas. Portanto, trata-se de uma produção de espaço urbano não espontâneo, pelo contrário, foi induzida. Revelador dessa assertiva é a resposta de um dos pioneiros de Canaã dos Carajás à pergunta: como era a cidade quando você chegou aqui? "Não era cidade, era uma vila, chamada CEDERE II, que só existia o GETAT, que tinha um hospitalzinho de tábuas, que a gente às vezes se consultava nele, e tinha um mercadinho que era o Paranorte, na época, e tinha umas três ou quatro casinhas" (HEITOR). A cidade inexistia, todos os primeiros moradores respondem sem titubear a esta pergunta, eles têm muito claro como se deu o processo de construção da cidade, relatam sempre demonstrando muito orgulho

sobre todas as dificuldades que passaram para abrir as estradas de acesso aos assentamentos, às primeiras ruas da cidade, a construção dos primeiros prédios públicos, como o hospital e a escola Tancredo Neves, o senhor Cavalcante relata com muita alegria esse processo.

O INCRA fez escritório, foi muita gente, rolou, ... foi feito hospital, veio médico, hospital, ... eu já tinha feito cemitério, já tinha feito a cooperativa, quando eu soltava uma caminhonete pegava o trator, aí ia fazer rua, quando eu soltava as ruas, pegava uma ambulância, levava gente com malária, teve noite, em 24h deu levava 4 pessoas pro Parauapebas, por cima de lama... foi o tempo que a Vale entrou. A Vale começou com tudo, primeiro quando eu fiz o cemitério eles mandaram fazer a cooperativa (RAIMUNDO CAVALCANTE).

Todos os Pioneiros, relatam a importância da figura do senhor Cavalcante na construção dos primeiros elementos que mais tarde constituiriam a cidade. Ele respondeu de forma muito lúcida todas as perguntas feitas, relatando detalhes de quais pessoas eram pioneiras, onde foram assentadas, até mesmo o número dos lotes que receberam os assentados. Ele lembrava, entre risos e com um ar de saudosidade, "era muito gostoso esse momento!".

Como vimos, Canaã dos Carajás elevou-se a condição de município, sob influência política direta de Parauapebas, de onde desmembrou-se em 1994. Todo este processo de construção e emancipação da cidade foi coordenado diretamente pelo influente político e primeiro prefeito de Parauapebas, o médico Dr. Faisal. Segundo os relatos dos antigos moradores, as articulações políticas, o apoio financeiro e tudo mais que os CEDERES precisavam eram feitas por Parauapebas e pelo grupo do Dr. Faisal.

Segundo relatos do senhor Cavalcante, o Dr. Faisal, como forma de agradecê-lo por toda sua dedicação e por todo trabalho realizado na cidade, resolveu mudar o nome da principal rua que era VE-3 (Vincal 3), para Weyne Cavalcante, o filho do senhor Cavalcante, que faleceu ainda adolescente por problemas renais. Nos contou o senhor Cavalcante que certo dia fora chamado em sua casa por um auto falante que havia instalado bem no centro da pequena cidade, chegando lá, haviam várias pessoas acompanhando o Dr. Faisal e sua esposa Bel, ao contar o motivo da visita, entregaram-lhe várias plaquinhas com o nome Weyne Cavalcante. O senhor Cavalcante diz que ficou muito agradecido e emocionado ao pegar as plaquinhas, ele mesmo as colocou nos devidos lugares. Segundo ele, até pouco tempo, haviam algumas destas plaquinhas ao longo da Weyne Cavalcante. Isto demonstra uma forte vinculação entre os códigos e os lugares.

Falar da cidade e como se desenvolveram suas primeiras atividades, (inicialmente agrícolas, as primeiras casas, os primeiros prédios públicos), é para estes homens e mulheres (Pioneiros), sempre motivo de muito orgulho. Eles se identificam com o local. Sentem-se atores importantes no processo de construção do que hoje se tornou o antigo CEDERE II. Outro pioneiro, senhor Osvaldo, conta que quando chegou ainda não havia CEDERE I e II, seu pai veio conhecer uma terra nova que era muito promissora e compraram uma fazenda e como não havia estradas, nem estrutura de apoio, tudo era muito difícil, mas aos poucos, o governo foi incentivando as pessoas a desmatarem a floresta e eles ganhavam 3 vezes mais a quantidade de terra que desmatavam (Figura 3).

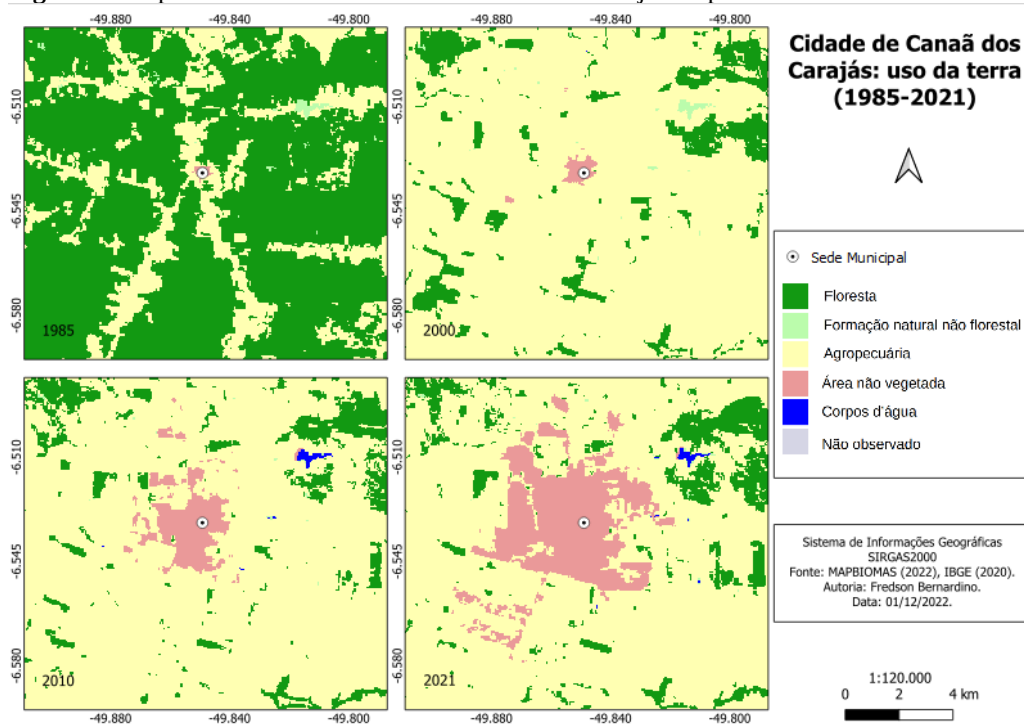
Figura 3 - Os Pioneiros - à esquerda, o senhor Delci Moreira da Silva (Heitor) e a direita o senhor Raimundo Cavalcante (Um dos fundadores da cidade e também um dos primeiros funcionários do GETAT) e o mapa dos assentamentos CEDERE I, II e III.



Fonte: De autoria própria, 2021.

O senhor Cavalcante, como é conhecido na cidade, carrega em suas mãos um mapa, que segundo ele foi o mesmo que eles trouxeram desde a primeira vez que chegaram ao local onde hoje é Canaã dos Carajás. Ele, juntamente com dois homens, que ele chama de doutores. "... Quando vim pela primeira vez, eu, com o Dr. Carlos Henriques e o Dr. Carlos Alberto, era 16 de agosto de 1983" (CAVALVANTE), com muita dificuldade por conta da situação dos acessos que eram precários. Estas várias narrativas evidenciam Canaã de Carajás a partir dos olhares subjetivos daqueles que originaram a cidade, evidenciando suas tramas para além da história oficial. A mancha urbana vai crescendo, reestruturando-se, na medida em que essa Canaã dos Carajás não é simplesmente emancipada, tornada município, mas a partir dos diversos modos de vida, das histórias que vão permeando a produção dessa cidade, que ganha um novo impulso com a mineração (Figura 4).

Figura 4 - Expansão da mancha urbana de Canaã dos Carajás no período de 1985-2021



Fonte: SIGAS 2000, IBGE, 2020 e MAPBIOMAS, 2022.

Esse pequeno aglomerado compõe a mancha urbana da cidade de Canaã dos Carajás, constituindo-se uma sinalização espacial da dinâmica de urbanização mais recente e em plena realização que a área de estudo apresenta. O recorte temporal desta pesquisa é de 2000 a 2020, no entanto, optamos por trazer uma série anterior ao início deste período, para que possamos ter uma maior visualização das mudanças que ocorreram.

Em 1985, os projetos de colonização do INCRA, coordenados pelo GETAT, estão a todo vapor. Neste período, os incentivos dados pelo governo federal (militar), aos colonos era desmatar para garantir a posse da terra, era 3 por 1, ou seja, a cada 1 hectare desmatado, o colono ou fazendeiro ganhava o título de 3 hectares, tudo acompanhado diretamente pelo GETAT. Por isso, no período entre 1985 e 2000, percebe-se que o corte raso da área é realizado de maneira extensiva. Isso vem sendo demonstrado no espraiamento da ocupação, o que se desdobra pela conversão de áreas vegetadas em áreas ativadas economicamente, seja diretamente pelo trabalho ou simplesmente pela especulação da terra. Neste período surgem grandes fazendas, sugerindo a pecuária como uma vocação da região, garantindo que mais tarde se transforme numa grande bacia leiteira.

O próximo período analisado (2000), refere-se ao período em que iniciaram as obras para as instalações da Mina do Projeto Sossego. Neste momento a cidade começa a se expandir rapidamente. De 2000 para 2010, nota-se que o crescimento da mancha urbana foi bem maior que no período anterior (1985), onde essa aparece bem pequena. Tal diferença se justifica pela demanda de mão de obra que as instalações do primeiro projeto exigem. Assim, esse grande número de trabalhadores atraídos pela oferta de emprego vai ajudar a compor o rápido crescimento da cidade, tanto das áreas centrais quanto das áreas periféricas aumentando o número de ocupações irregulares.

De 2010 a 2021, mais uma vez se percebe a mesma lógica de crescimento, desta vez ainda maior por conta dos novos projetos que se iniciaram na cidade (S11-D). Ou seja, de 2000 a 2021, a mancha urbana tem um surto de crescimento, de cerca de 3 vezes do espaço urbano construído. De maneira geral, o processo de urbanização da área é acelerado, gerando vetores de crescimento em diversas direções do núcleo urbano. A despeito disso, é possível observar uma maior extensão urbanizada para o vetor oeste do que para o leste, tendo o ponto da sede municipal como referência no mapa. No cenário mais recente, em 2021, é possível verificar um aglomerado urbanizado a sudoeste que não é contínuo à porção mais antiga e extensa da cidade. Além da zona urbana, a zona rural de Canaã dos Carajás também se mantém muito expressiva e é composta por algumas vilas e assentamentos (Figura 19).

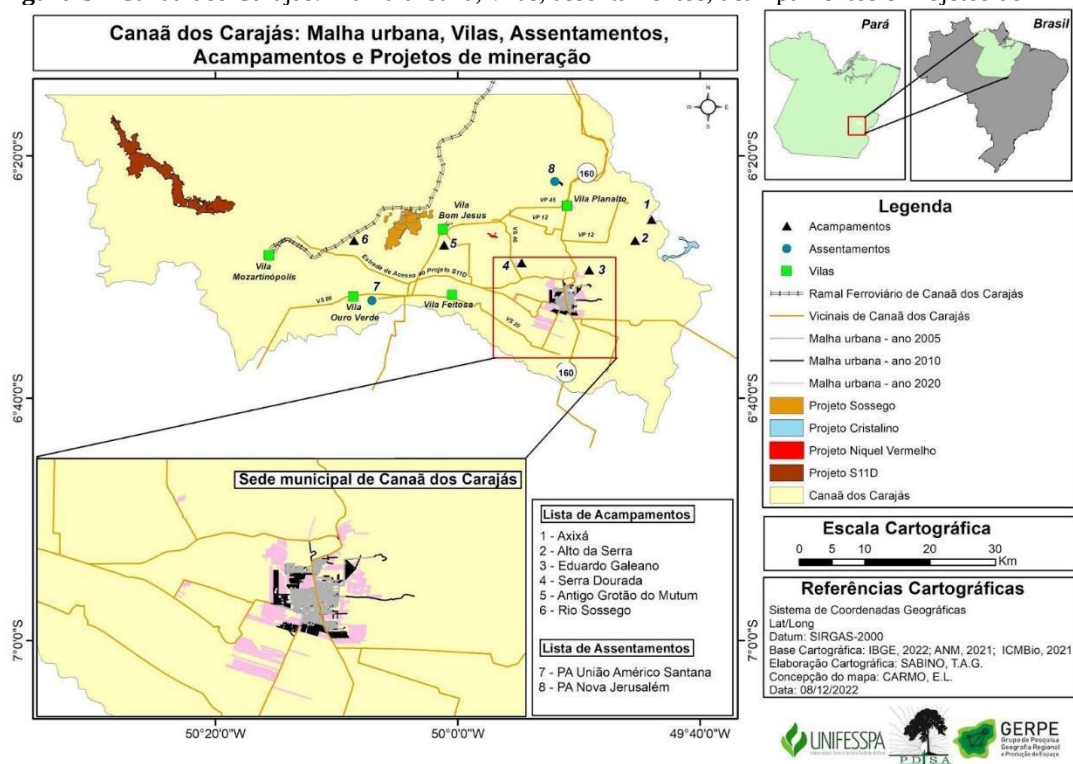
É importante ressaltar a dinâmica das vilas rurais neste estudo, visto que elas estão diretamente ligadas a atividade minerária, as vilas que mais se desenvolveram foram aquelas que estão próximas das minas, desde que não interfiram no processo de exploração extrativista, ou em locais estratégicos à mineração. Alguns citam a questão da proximidade com a cidade como um aspecto importante para a manutenção e crescimento da vila. No entanto, isso não se confirma, porque a Vila Serra Dourada, que está mais próxima do que as outras da sede municipal, está se extinguindo gradativamente.

Outro caso interessante é o da Vila Mozartinópolis (Figura 23), que surgiu de forma espontânea, recebeu apoio da Vale, por estar próxima às minas, mas num determinado momento teve que ser retirada de lá. Então, seus moradores foram indenizados e remanejados para outro local: o assentamento rural Américo Santana.

Por sua vez, a Vila Planalto, fica em um trevo, por lá passam todos os veículos que vem da cidade de Canaã dos Carajás para a Mina do Sossego. Portanto, muitas pessoas aproveitaram esta oportunidade para montarem serviços de comércio: o cafezinho da manhã, o almoço, o espetinho no fim da tarde, etc. Na Vila Planalto e na Vila Bom Jesus, esta última fica mais próxima ainda do Projeto Sossego, muitas pessoas, especialmente a mão de obra, moram nestas vilas, pois se torna mais barato e menos cansativo, visto que os projetos são longe da cidade. A logística de transporte leva em média 1h para completar algumas rotas.

As principais vilas rurais são: Vila Planalto (Figura 20), Vila Bom Jesus (Figura 21), Vila Feitosa (Figura 22) e Vila Ouro Verde (Figura 24). Nas vilas há infraestrutura básica para atender as demandas mais urgentes, os serviços e atendimentos mais complexos, são feitos na sede municipal, então as vilas em geral, contam com: escolas e transporte dentro das vilas, postos de saúde para atendimento básico, pequenos comércios, asfalto nas principais vias. Veja no Figura 5, com a disposição das Vilas, dos assentamentos Américo Santana (Figura 25) e Nova Jerusalém (Figura 26) e dos acampamentos bem como o crescimento da malha urbana no período de 2005 a 2020.

Figura 5 - Canaã dos Carajás: Malha urbana, vilas, assentamentos, acampamentos e Projetos de mineração.

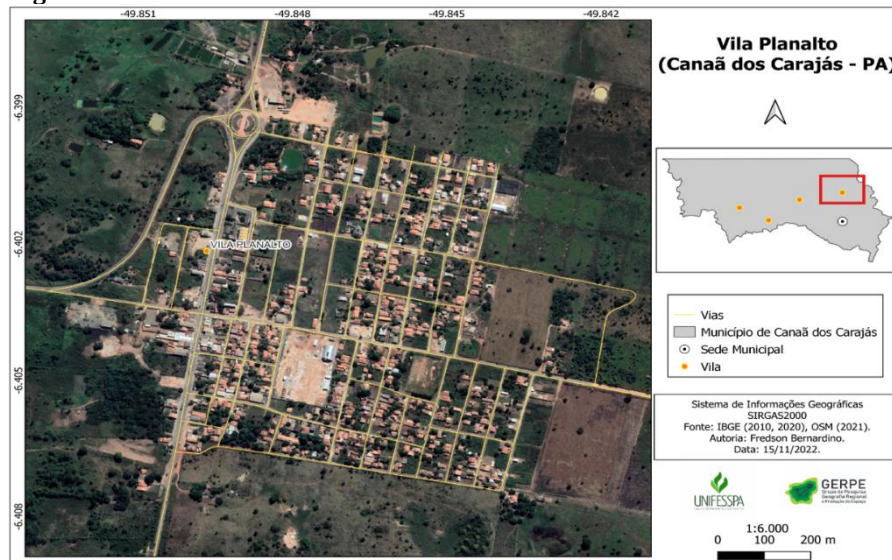


Fonte: IBGE, 2022; ANM, 2021; ICMBio, 2021.

É válido ressaltar que estas vilas por conta da mineração passam por mudanças constantes em sua dinâmica populacional, econômica, etc. Algumas se extinguíram (Serra Dourada), outras foram remanejadas (Mozartinópolis - Racha Placa), e as Vilas Planalto (Figura 20) e Bom Jesus (Figura 6), por estarem próximas ou estrategicamente localizadas nas redondezas do perímetro dos projetos, cresceram bastante. Além destas vilas citadas, novas surgiram ao longo de vinte anos (2000 a 2020), como os assentamentos Américo Santana e a

Nova Jerusalém, que surgiu como um movimento do MST, ou seja, uma ocupação, e hoje conta com uma estrutura bem organizada.

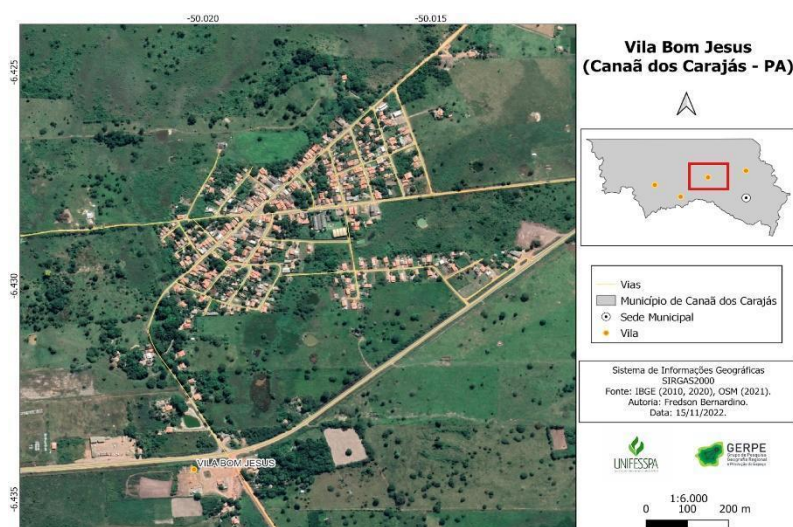
Figura 6- Vila Planalto



Fonte: IBGE, 2010, 2020; OSM, 2021.

E a mais próxima da zona urbana, fazia parte da área denominada pelo GETAT de CEDERE II e vem passando por intenso processo de modificação por estar estrategicamente localizada em um entroncamento, entre a Mina do Sossego e outras vilas do município de Parauapebas: a VS-45, que dá acesso ao projeto de mineração Cristalino e a sede da cidade de Canaã dos Carajás. Por sua proximidade com o centro urbano do município, a vila passou por um incremento populacional, sobretudo a partir de 2004, alterando suas características rurais (PDP, 2007, p. 178). De todas as vilas é a que tem a infraestrutura melhor estruturada, com área pública de lazer (praça, quadra de esportes); escola; posto de saúde; reservatório de água; subestação de energia; empresas de pequeno e médio instaladas; pequeno centro comercial (posto de combustível, farmácias, mercadinhos, açougue etc.); ruas asfaltadas; iluminação pública. Já a Vila Bom Jesus (Figura 7) surgiu no processo de assentamento do GETAT que, ao assentar colonos na área, fomentou a formação de um núcleo com comércio, igreja, escola, e outras instalações básicas (PDP, 2007, p. 170).

Figura 7 - Vila Bom Jesus



Fonte: IBGE, 2010, 2020; OSM, 2021.

Posteriormente nesta vila foram chegando mais pessoas, remanescentes dos garimpos bem próximos dali. É a vila mais próxima do projeto Sossego e, por estar muito perto, apresenta alguns impactos diretos por conta da atividade mineradora. Pela proximidade, esta vila recebeu alguns benefícios diretos e alguns projetos da Vale em parceria com outras instituições, que deram alguns resultados positivos à comunidade, como: a formação do grupo de mulheres ceramistas, surgido a partir de um curso ofertado pela Vale no Projeto de Educação Patrimonial; em parceria com a Prefeitura Municipal de Canaã dos Carajás, surgiram o Projeto Economia Solidária e o Projeto de Apicultura, este último abrangeu mais parceiros, a Agência Canaã e Associação Itakyra; construiu-se ainda uma biblioteca pública; e o Programa Rede Cultura, da Fundação Vale do Rio Doce (FVRD). Esta vila conta com área pública de lazer (praça, quadra de esportes); escola; posto de saúde; reservatório de água; subestação de energia; empresas de pequeno e médio instaladas; pequeno centro comercial (posto de combustível, farmácias, mercadinho, açougues etc.); ruas pavimentadas; iluminação pública; ateliê de cerâmica e casa do apicultor. A Vila Feitosa (Figura 8) também surgiu do assentamento do GETAT e da ocupação por colonos da Fazenda Três Braços, a partir de 1983 (PDP, 2007, p. 172).

Figura 8 - Vila Feitosa



Fonte: IBGE, 2010, 2020; OSM, 2021.

Segundo o PDP (2016), esta vila está a 23 km da zona urbana e recebeu este nome por conta de um dos seus primeiros moradores, o senhor Feitosa, dono da mercearia e bar da vila, o qual era ponto de referência. É uma das menores vilas e conta apenas com área pública de lazer (praça, quadra de esportes); escola; posto de saúde; reservatório de água; ruas asfaltadas e iluminação pública. Esta vila, por sua vez, a Vila Mozartínópolis (Figura 9), surgiu no final da década de 1970 e início dos anos 1980 (PDP, 2007).

Figura 9 - Vila Mozartínópolis

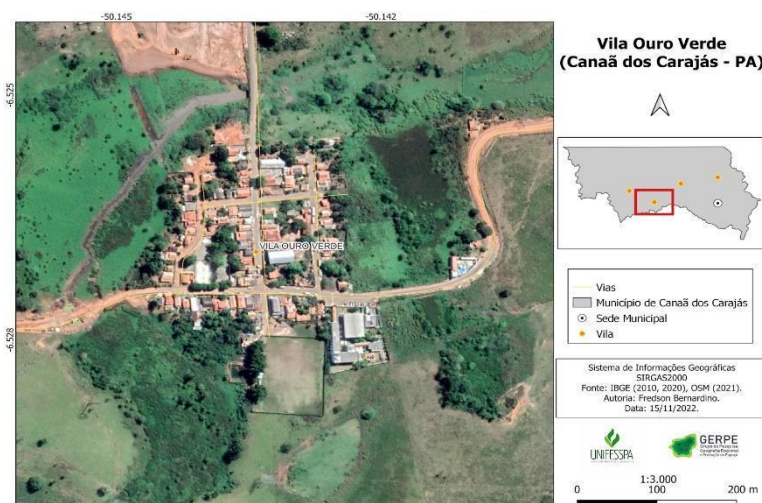


Fonte: IBGE, 2010, 2020; OSM, 2021.

Esta vila, por sua vez, a Vila Mozartínópolis, surgiu no final da década de 1970 e início dos anos 1980 (PDP, 2007). Foi a primeira vila que surgiu, mesmo quando ainda não se tinham os projetos de assentamento do GETAT. Surge em decorrência de uma ocupação de fazendeiros e pequenos proprietários na região próxima à atual área ocupada (PDP, 2007, p. 174).

A vila era a mais distante do núcleo urbano de Canaã dos Carajás, localizava-se no limite da Serra Sul (dentro da Flona Carajás), e próximo ao limite com o município de Água Azul do Norte. Há a presença de sítios arqueológicos, tendo sido definida pelo Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG como referência arqueológica do município. Por conta da presença deste sítio arqueológico, Mozartínópolis juntamente com a Vila Bom Jesus foram contempladas pelo projeto piloto de Educação Patrimonial que a Vale, juntamente com o museu promoveram, reunindo mulheres destas vilas para formação técnica, de onde surgiu o grupo de mulheres ceramistas, hoje, associado à Vila Bom Jesus (PDP, 2007, p. 174). Esta Vila foi desativada pela Vale, pois estava muito próxima do Projeto S11-D, as pessoas que estavam nesta vila foram indenizadas e transferidas para outro local, o assentamento Américo Santana. Por sua vez, a Vila Ouro Verde (Figura 10) fazia parte das estratégias de assentamento do GETAT, foi a sede administrativa do CEDERE III.

Figura 10 - Vila Ouro Verde

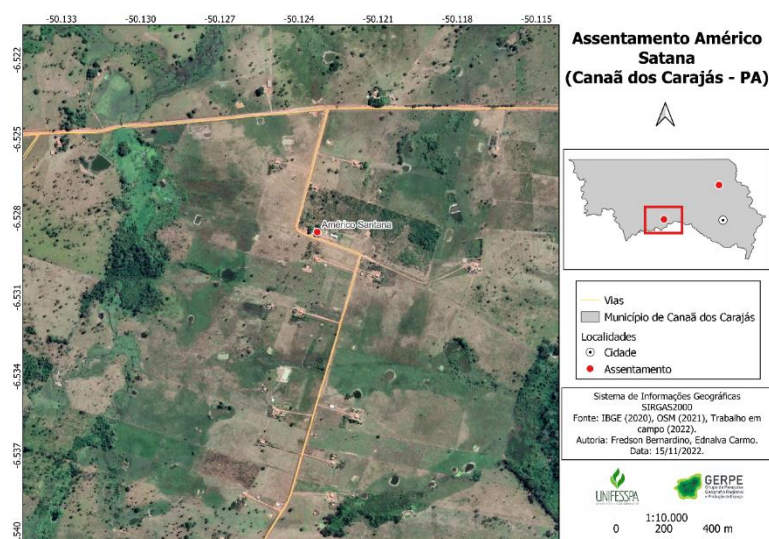


Fonte: IBGE, 2010, 2020; OSM, 2021.

Realizado o plebiscito, a partir de 15 de abril de 2000, esta localidade passou oficialmente a ser chamada de Vila Ouro Verde, em alusão à agricultura que caracteriza a vida econômica de seus moradores (PDP, 2007, p. 176). Os moradores se serviam de alguns privilégios, pois a vila possuía instalações que atendiam o escritório do GETAT, como gerador de energia elétrica e poço artesiano, bem como era onde se distribuem as ferramentas e sementes (PDP, 2007).

Além destas vilas surgiram outros aglomerados, que valem a pena serem citados, visto que foram em decorrência do processo de mineração e do crescimento do município no cenário regional. São os assentamentos Américo Santana (Figura 11), que recebeu os moradores da Vila Mozartínópolis, que foi desativada, e a Nova Jerusalém (Figura 12), um assentamento bem próximo a vila Planalto com a presença de muitas famílias. A Américo Santa é um assentamento do INCRA, tem 50 lotes e foi preparado para receber as pessoas que vieram da Vila Mozartínópolis, desativada pelo projeto S11-D. Algumas pessoas se dirigiram para outras localidades, mas a maioria resolveu ficar pela região, estes foram instalados neste local, receberam lotes rurais com toda estrutura, casa, água, energia. A Vila Nova Jerusalém não se constitui como um projeto de assentamento, como o Américo Santana, ela surgiu de uma invasão do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, absorvendo uma grande demanda de pessoas que chegaram na cidade de Canaã dos Carajás entre 2000 e 2010. Esta vila tem 350 lotes, e recebe apoio tanto da Vale quanto do poder público. A Vale construiu a Escola e a sede da associação e a prefeitura asfaltou as ruas e construiu o campo de futebol.

Figura 11 - Assentamento Américo Santana



Fonte: IBGE, 2010, 2020; OSM, 2021; Trabalho de campo (2022).

Figura 12 - Assentamento Nova Jerusalém



Fonte: IBGE, 2010, 2020; OSM, 2021; Trabalho de campo, 2022.

Esse movimento de constituição das vilas realiza-se simultaneamente ao processo de emancipação de Canaã dos Carajás, cujo território era pertencente à Marabá, um grande polo de serviços na região. Nela, a relação da cidade com a floresta torna-se secundária, há alguns coletores de sementes, artesãos, pequenos agricultores locais, mas a grande demanda econômica evidencia a forte dependência da mineração. Embora existam muitos programas de incentivo aos chamados Arranjos Produtivos Locais, é notória a dependência do município dos impostos e tributos que vem do extrativismo mineral. Fica muito claro como a Vale reorganizou

o cotidiano nas vilas, inclusive extinguindo algumas. Na próxima subseção focaremos as implicações da Vale no processo de produção do espaço urbano de Canaã dos Carajás.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Canaã dos Carajás é a materialização do capital, ela é exemplo contemporâneo de como o capital produz o espaço para atender aos seus próprios interesses. Notamos que no período que antecede o ano 2000 houve uma intensa supressão vegetal, com agentes governamentais fomentando o desmatamento, utilizando-se do discurso de segurança nacional e proteção do território, mas na verdade estavam preparando terreno para a chegada da Vale. Da ocupação até a autorização para implantação dos projetos, seria mais fácil em uma área desmatada.

A cidade surge como uma cidade na floresta, ligada ao capital externo, à Vale, com demandas externas que necessitam de seus gestores um conhecimento do mercado global e destreza para contribuir na construção de políticas para a cidade, visto que logo que a cidade inicia seu processo de exploração mineral, há uma explosão demográfica, pessoas surgindo de todos os cantos do país, necessitando de emprego, moradia e assistência médica, social, etc.

As ações da Vale não só incidem diretamente na cidade, mas também nas dinâmicas das vilas e assentamentos rurais. As vilas também são alteradas em decorrência dos interesses da Vale, até mesmo os vetores de crescimento da cidade, que sempre vão no sentido oposto dos projetos. Aqueles que insistem em ir em direção aos projetos são de ocupações irregulares, chamadas invasões, que cada vez mais se multiplicam. Estas ocupações mostram que nem todos têm a tão sonhada qualidade de vida tão propagada pelos meios de comunicação da Vale e do poder público.

Pode-se dizer que o espraiamento da mancha urbana vem se dando de forma rápida e não ordenada, haja visto que surgem ao longo dos anos muitas ocupações irregulares que rapidamente crescem, se estruturam e passam a exigir do poder público assistência. Contudo, por se ter um alto valor nos cofres públicos é possível realizar algumas medidas, como por exemplo quase toda a cidade é asfaltada, inclusive nas vilas rurais, e as ruas centrais da cidade são cuidadosamente construídas com pisos táteis e ciclovias, o que traz para a cidade um ar de modernidade, principalmente nas áreas centrais.

Do ponto de vista da valorização da terra, conseguimos constatar que para algumas empresas e para determinado segmento a mineração tem sido muito boa, mas para a grande maioria dos que chegam na cidade, só resta viver sem condições, depender de ajuda do governo e aumentar os indicadores de pobreza. Antes da mineração, não se tinham grandes problemas sociais, assaltos, homicídios, furtos, pedintes, enfim, todas estas mazelas que aumentam quando a cidade cresce. Hoje os programas de assistência investem muito na população, mas, como vimos no decorrer deste trabalho, os cursos que preparam para uma mão de obra mais qualificada só a pouco tempo chegaram na cidade. Antes os cursos mais ofertados principalmente pela Vale eram de baixa remuneração, isso certamente aumentava o número de pessoas de baixa renda, diminuindo a qualidade de vida da maioria.

5. REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.

BECKER, Bertha. Redefinindo a Amazônia: o vetor Tecno-Ecológico. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L (org.). **Brasil: questões atuais de reorganização do território**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CABRAL, E. R.; ENRÍQUEZ, M. A. R. S.; SANTOS, D. V. Canaã dos Carajás - do leite ao cobre: transformações estruturais do município após a implantação de uma grande mina. In: FERNANDES, F. R. C. Enriquez, M. A. R. S. ALAMINO, R. C. J. (Org.). **Recursos minerais & sustentabilidade territorial**. Grandes minas. Rio de Janeiro: CETEM/MCTI, 2011. v.1. p.39-68.

CANAÃ DOS CARAJÁS. **Plano Diretor Participativo**. Vol. 1 e 2. Canaã dos Carajás-PA: Prefeitura Municipal de Canaã dos Carajás, 2007.

CARDOSO, A., CÂNDIDO, L., MELO, A. Canaã dos Carajás: um laboratório sobre as circunstâncias da urbanização, na periferia global e no alvorecer do século XXI. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 121-140, abr. 2018.

Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10787>>. Acesso em: 04 de abr. de 2020.

COELHO, Maria C. N. A CVRD e a (re)estruturação do espaço geográfico na Área de Carajás (Pará). In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. C.; CORRÊA, Roberto L (org.). **Brasil: questões atuais de reorganização do território**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

CORRÊA, Wilson George de Brito. **A ação do GETAT na região Sul e Sudeste do Pará**. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia) - Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Marabá, 2016. 112 p.

ENRÍQUEZ, M. A. **Maldição ou dádiva?** Os dilemas do desenvolvimento sustentável a partir de uma base mineira. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, Brasília, 2007. 449 p.

ENRÍQUEZ, M. A. **Contradições do desenvolvimento e o uso da Cfm em Canaã dos Carajás (PA)**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, 2018.

Estratégias que geram crescimento econômico. **ISTOÉ**, 2022. Disponível em: <https://istoe.com.br/estrategias-que-geram-crescimento-economico/>. Acesso em: 19 de dez. de 2022.

HÉBETTE, Jean. **Cruzando Fronteiras: 30 anos de campesinato na Amazônia**. Vol. 3 - O grande Projeto Carajás: um novo momento da história moderna da Amazônia paraense. Belém: EDUFPA, 2004.

LEOPOLDO, Eudes. A teoria regional na atualização da Geografia Crítica contemporânea: a urbanização da fronteira na Amazônia, a região do Sul e Sudeste do Pará. **Confins**, n. 44, 2020.

LIMA, Janice Shirley Souza. **Educação Patrimonial na área do Projeto Serra do Sossego Canaã dos Carajás**. Belém: MPEG/CRVD-MSS/FIDESA, 2003.

MARTINS, José de Souza. **A Chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2016.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. Amazônia: mineração, tributação e desenvolvimento regional. **Novos Cadernos NAEA**. v. 7, n. 2, p. 159-186, dez. 2004.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. SILVA, Regiane Paracampus da. Expansão geográfica, fronteira e regionalização: a região de Carajás. **Confins**, no 49, fevereiro de 2021.

MONTEIRO, M. A. COELHO, M. C. N. BARBOSA, E. J. S. Fronteira, corredores de exportação e rede urbana na Amazônia oriental brasileira. **GEOgraphia**, v. 13, n. 26, p. 37-65, 13 jun. 2012.

Monteiro, Maurilio de Abreu. Amazônia: mineração, tributação e desenvolvimento regional* desenvolvimento regional. **Novos Cadernos NAEA**, v. 7, n. 2, p. 159-186, dez. 2004,

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. [Meio século de mineração industrial na Amazônia e suas implicações para o desenvolvimento regional](#). **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, p. 187-208, 2005.

MONTEIRO, Maurílio de Abreu. Mineração industrial na Amazonia e suas implicações para o desenvolvimento regional. **Novos Cadernos NAEA**. v. 8, n. 1, p. 141-187, jun. 2005.

OLIVEIRA, A. L. A. RIBEIRO, E. M. G. SOUSA, J. C. FERREIRA, F. S. PARA ONDE VAI A CFEM? UMA AVALIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE PARAUAPEBAS, CANAÃ DOS CARAJÁS E MARABÁ, NO PARÁ. **De olho na CEFEM**, Nota Técnica - n. 3, p. 1-26, abril de 2021.

OLIVEIRA, Wesley; TRINDADE, José. R.; FERNANDES, Danilo A. [O Planejamento do Desenvolvimento Regional na Amazônia e o Ciclo Ideológico do Desenvolvimentismo Brasileiro](#). **Ensaio FEE** (online), v. 35, p. 80-110, 2014.

PAMPLONA, J. B. CACCIAMALI, M. C. A maldição dos recursos naturais: atualizando,

organizando e interpretando o debate. **Economia e Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 129–59, abril de 2018.

TRINDADE JÚNIOR, S.-C. C. da. Cidades na floresta: os "grandes objetos" como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 51, p. 113-150, 2010.

U&M. Disponível em: <https://www.uem.com.br/>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

VALE. **Relatório a VALE em Canaã dos Carajás**. 2004. Disponível em: <https://www.vale.com/pt/biblioteca-de-documentos>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

VALE. **Relatório a VALE em Canaã dos Carajás**. 2010. Disponível em: <https://www.vale.com/pt/biblioteca-de-documentos>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

VALE. **Relatório a VALE em Canaã dos Carajás**. 2014. Disponível em: <https://www.vale.com/pt/biblioteca-de-documentos>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

VALE. **Relatório a VALE em Canaã dos Carajás**. 2021. Disponível em: <https://www.vale.com/pt/biblioteca-de-documentos>. Acesso em: 12 de set. de 2022.

VILLELA, R. GIUSTI, F. Mineração de cobre em Canaã dos Carajás, desenvolvimento e impactos socioeconômicos: para quem? in: XX Encontro Nacional de Escudos populacionais, 2016, Foz do Iguaçu-PR. **Anais [...]**. Foz do Iguaçu-PR: ABEP. 2016. p. 1-18.

VIX. Disponível em: <https://www.vix.com.br/>. Acesso em: 18 de dez. de 2022.

